

## **ADRIANO PONDÉ: PARENTESCO E AFINIDADES**

Ao procurar fixar alguns traços do perfil de Adriano Pondé deparo-me com uma série de imagens que se justapõem simultaneamente: a do médico humanitário, a do professor dedicado, a do pesquisador escrupuloso, a do acadêmico e outros tantos qualificativos que se conjugam para compor o retrato deste baiano ilustre, aqui justamente homenageado na oportunidade da celebração do centenário de seu nascimento.

O meu propósito, porém, é revelar apenas um pouco do que foi Adriano Pondé na intimidade, aquele tão perfeito homem de família com quem tive o prazer da mais estreita convivência, pois, sendo ele o mais velho dos irmãos de minha mãe, nosso relacionamento começa, por atávicos caminhos, antes mesmo de meu próprio nascimento, na estreita relação de parentesco e compadrío.

Debruçada no espelho turvo do passado busco captar uma das imagens de Adriano Pondé: a minha imagem de Adriano Pondé. Busco juntar fragmentos dispersos. Às vezes opacos, diluídos na distância, às vezes brilhantes e vivos como vidros coloridos formando desenhos num calidoscópico.

Na monografia que escreveu sobre Marcel Proust, Adriano Pondé assinala que, para esse autor “a justaposição de estados sucessivos é que faz o nosso Eu”. Convenhamos, neste momento, que a “busca do tempo perdido” é um difícil e lento trabalho para quem se disponha a resgatar sua verdade e permanência, no antigo sabor dos dias vividos.

Mas o que será realmente a “verdade” de um homem, seu lado mais absoluto? E haverá, porventura, esta totalidade do ser?

Se para Marcel Proust, uma das paixões literárias de nosso homenageado, “a nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio” e por isso mesmo se nos afigura múltipla, distorcida, conflitante, o que será



então nossa personalidade real? Existe, realmente, ou será também uma permanente mutação, um reflexo de variados estados de alma, das contingências do ser “em situação”?

Assim, nesta busca de camuflados caminhos, onde se enredam os confusos fundamentos de meu próprio labirinto, vou tateando aos poucos, como se armasse peças de um quebra-cabeças: intuições, reminiscências, reinventos.

Como através de um painel que se desdobra, vejo a casa da rua 8 de dezembro, com sua escada de mármore branco lançando faíscas ao sol do meio dia. Uma mangueira sombreava o pátio e, na varanda, móveis de ferro, no melhor estilo art-decô, apertavam os dedos dos visitantes distraídos em suas lâminas maleáveis. Havia um almoço, reunião de família, e ele chegava, apressado, num terno de linho branco, óculos de grau, redondos com aros pretos, sorridente, desculpando-se do atraso.

Lembro também, de repente, de uma varanda sobre o mar – havia por acaso luar aquela noite em Praia Grande ou a memória fantasia a sua parte? Havia lua, sim, a claridade esbranquiçava a areia da praia onde pescávamos papa-fumos. De súbito, uma barata apareceu, voando, do arvoredo da casa ao lado, fazendo com que ele subisse lépido e apavorado, na amurada da janela. Passado o susto, desatamos todos na gargalhada: —pois não é que o Dindo tinha medo de baratas?

Há um sabor de chá e *madeleine* nestes assomos de reminiscência. Todos temos nossos Combrays, nossas tias Leôncias com seus chás, seu perfume suave acendendo lembranças. Assim é que aos poucos, lentamente, vou desfazendo os romances. O Dindo da minha infância era uma presença boa, amistosa, agradável, sempre pronto a presentear generosamente, a aliviar os sofrimentos de nossas moléstias infantis, mas não era ainda a presença duradoura, indispensável, a que buscou e conseguiu, na cumplicidade do



espírito, apagar as diferenças de geração, de idade e até, porque não dizelo, de uma diferente visão de mundo.

De repente, não posso bem precisar a época, Adriano passa a ocupar na minha vida um lugar privilegiado numa escolha ditada mais por uma afinidade espiritual do que pelas razões de parentesco.

Agora era também o companheiro que ouvia com atenção, que chegava de repente com um livro desejado, que me reconhecia a vocação, ainda na insegurança dos primeiros versos. Presente em todos os momentos importantes de minha vida: alcovitava o namoro, acompanhou o noivado, paraninfou o casamento. Assistiu ao parto de todos os meus filhos. Quando editei o primeiro livrinho e, diante dos volumes, ainda quentes da prensa, me perguntava, meio aflita, o que fazer daqueles pacotes empilhados na sala, ele chegou de repente — já tinha sabido do livro!

Chegou entusiasmado, desfez os pacotes, ditou dedicatórias, distribuiu orgulhosamente alguns volumes para parentes e amigos, enviando pelo correio, cobrando opiniões, de preferência elogiosas, é claro. Daí para diante não perdia lançamento, sempre fazendo questão de comprar vários livros. Não quis o destino que ele, já então muito doente, assistisse à minha posse na Academia de Letras. Ele, que tantas vezes vaticinara esse acontecimento.

Aqui assinalarei duas coincidências: a primeira vez que participei de uma cerimônia acadêmica foi por ocasião de sua posse na Academia de Letras da Bahia. Ainda no Terreiro de Jesus, a velha casa que então sediava a Academia seria insuficiente para tantos convidados. Por isso a festa se fez no salão nobre de sua querida Faculdade de Medicina, também ali, na mesma praça, no Terreiro de Jesus.

Naquela noite memorável, para minha surpresa, terminou o discurso de posse citando versos de meu livro *Sesmaria*. Foi então que tomei



consciência de que seu interesse pela minha atividade poética transcendia o círculo familiar. Respeitada em minha tão jovem experiência, me senti feliz de estar sendo publicamente reverenciada.

Mas, se a primeira vez que pisei na Academia foi para assistir à sua posse, a última em que ele lá esteve foi para votar na minha candidatura. Não teve a alegria de me ver com o colar e eu, cumprindo a liturgia acadêmica, fui escolhida para o doloroso dever de fazer-lhe o elogio, como a um confrade desaparecido, ao declarar-se a vacância da cadeira que fora, por ele, tão honrosamente ocupada.

***Myriam Fraga***  
***Academia de Letras da Bahia***